

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA- UFJF  
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

RENAN DOS REIS JANNUZZI

**GESTÃO FINANCEIRA NA AUTOGESTÃO DE ORGANIZAÇÕES POPULARES:  
DECORRÊNCIAS DA INTRODUÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS NA  
ASCAJUF CENTRO.**

JUIZ DE FORA - MG

2016

RENAN DOS REIS JANNUZZI

**GESTÃO FINANCEIRA NA AUTOGESTÃO DE ORGANIZAÇÕES POPULARES:  
DECORRÊNCIAS DA INTRODUÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS NA  
ASCAJUF CENTRO.**

TCC apresentado ao Curso de Administração,  
à Universidade Federal de Juiz de Fora - MG  
como requisito para a obtenção do título de  
bacharel em Administração de Empresas.

Orientador: Dr. Elcemir Paço Cunha.

JUIZ DE FORA - MG

2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS

**Termo de Declaração de Autenticidade de Autoria** Declaro, sob as penas da lei e para os devidos fins, junto à Universidade Federal de Juiz de Fora, que meu Trabalho de Conclusão de Curso é original, de minha única e exclusiva autoria e não se trata de cópia integral ou parcial de textos e trabalhos de autoria de outrem, seja em formato de papel, eletrônico, digital, audiovisual ou qualquer outro meio.

Declaro ainda ter total conhecimento e compreensão do que é considerado plágio, não apenas a cópia integral do trabalho, mas também parte dele, inclusive de artigos e/ou parágrafos, sem citação do autor ou de sua fonte. Declaro por fim, ter total conhecimento e compreensão das punições decorrentes da prática de plágio, através das sanções civis previstas na lei do direito autoral<sup>1</sup> e criminais previstas no Código Penal<sup>2</sup>, além das cominações administrativas e acadêmicas que poderão resultar em reprovação no Trabalho de Conclusão de Curso.

Juiz de Fora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_.

---

[Nome completo do autor]

<sup>1</sup> LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

<sup>2</sup> Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos: Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano ou multa.

**ATA DE DEFESA DO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Ao \_\_\_\_ dia do mês de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, nas dependências da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Juiz de Fora, reuniu-se a banca examinadora formada pelos professores abaixo assinados para examinar o Trabalho de Conclusão de Curso de \_\_\_\_\_, discente regularmente matriculado(a) no Bacharelado em Administração sob o número \_\_\_\_\_, intitulado \_\_\_\_\_. Após a apresentação e conseqüente deliberação, a banca examinadora se reuniu em sessão fechada, considerando o (a) discente \_\_\_\_\_ (aprovado(a)/reprovado(a)). Tal conceito deverá ser lançado em seu histórico escolar quando da entrega da versão definitiva do trabalho, impressa e em meio digital.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Prof. ....  
Orientador(a)

\_\_\_\_\_  
Prof. ....

\_\_\_\_\_  
Prof. ....

## **RESUMO**

Essa pesquisa tem como objeto de estudo a Ascajuf Centro, uma associação de catadores de papel situada na cidade de Juiz de Fora Minas Gerais, sendo realizada no período de outubro de 2015 a janeiro de 2016. Tem como objetivo auxiliar os associados em uma de suas principais demandas diagnosticadas, durante a pesquisa: a gestão financeira. Buscou-se compreender essas demandas, a partir de dados obtidos por meio de relatos, e assim tentar transpor técnicas advindas do território do capital para um ambiente em que apresenta traços do princípio da autogestão, sem que essas técnicas possam interferir nesse ambiente, a fim de proporcionar uma melhoria no entendimento de todos associados sobre esse assunto. A finalidade última era criar condições para que possam compreender e compartilhar as informações que foram geradas a partir desses dados e através disso perceber se ocorreu alguma alteração no ambiente da associação. Os resultados mostraram que apesar de existir traços de princípios da autogestão, nota-se que ocorreram modificações no ambiente da Associação, principalmente na questão relacionada aos ganhos de cada associado e como esses ganhos passariam a ser tratados após a interferência de um conhecimento que foi gerado pela presente pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ascajuf Centro, Associação, Autogestão, Finanças, Juiz de Fora.

## **ABSTRACT**

This research is the study object Ascajuf Center, an association of paper collectors in the city of Juiz de Fora Minas Gerais, being held from October 2015 to January 2016. It aims to assist members in one of its main demands diagnosed during the research: financial management. We sought to understand these demands from data obtained through reports, trying to transpose techniques resulting from the capital of the territory to an environment that has traces of the principle of self-management, without these techniques can interfere with this environment in order to provide a improvement in understanding of all members on this subject. The ultimate aim was to create conditions so that they can understand and share the information that were generated from this data and thereby see if there was any change in the association's environment. The results show that although there traces of self-management principles, it is noted that there were changes in the pool environment, particularly as it relates to each associated gains and how these gains would be processed after the interference knowledge that was generated by this research.

**KEYWORDS:** Ascajuf Centro, Association, Self-management, Finance, Juiz de Fora.

**LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1-</b> Um dos boxes da Ascajuf Centro.....	21
<b>Figura 2-</b> Outro box da Associação com materiais separados .....	22
<b>Figura 3-</b> Visão panorâmica dos boxes.....	22
<b>Figura 4-</b> Box .....	23
<b>Figura 5-</b> Associdos durante a refeição.....	23
<b>Figura 6-</b> Entrada da Ascajuf Centro juntamente com a prensa .....	24

**LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1-</b> Relação entre os produtos e o preço de venda por quilo.....	40
<b>Tabela 2-</b> Despesas mensais da Ascajuf Centro.....	40
<b>Tabela 3-</b> Relação entre os produtos e o preço de compra.....	41
<b>Tabela 4-</b> Demonstração da <i>Sobra</i> .....	43
<b>Tabela 5-</b> Relação entre o preço de venda com a quantidade por quilo.....	45



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 O MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES</b> .....	12
2.1 Princípios e Objetivos do Movimento. ....	13
2.2 A Ascajuf e o Movimento Nacional dos Catadores.....	16
<b>3 A ASCAJUF: CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO</b> .....	18
3.1 Quem São?.....	26
3.2 Organização e Produção .....	27
<b>4 GESTÃO FINANCEIRA: APURANDO AS POSSIBILIDADES PARA ORGANIZAÇÕES POPULARES</b> .....	29
4.1 As Técnicas Financeiras Utilizadas em Organizações Privadas.....	30
4-2 Gestão Financeira Aplicada em Organizações do Terceiro Setor. ....	34
4.3 O Princípio da Autogestão Presente nas Organizações Populares. ....	36
4.4 Como Utilizar então as Técnicas Financeiras nas Organizações Populares .....	39
<b>5 -CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> . ....	49
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a Ascajuf Centro, que é uma associação de catadores situada na cidade de Juiz de Fora, sendo a mesma dividida em três núcleos. Um desses núcleos está situado no bairro São Pedro. Há outro situado na Zona Norte, chamado de Usina e há outro que é chamado de Ascajuf Centro. O local chamado de Ascajuf Centro recebe esse nome por estar situado na região central da cidade, sendo localizada na rua do Monte, no bairro Vitorino Braga. A escolha da Ascajuf Centro para ser o local onde a pesquisa foi efetivamente realizada, é por ser um lugar de fácil acesso e pela disponibilidade e cooperação de seus associados. Para manter a descrição foram utilizados nomes fictícios nessa pesquisa como Sueli, Márcia, Vera, Marta, Paulo e Rosa.

A princípio o pesquisador procurou evidenciar a melhor maneira de auxiliar os associados da Ascajuf Centro, buscando compreender suas necessidades. Foram realizadas várias visitas ao local, tendo duração total de 4 meses e sendo iniciada no mês de outubro de 2015 e chegando a seu fim no final do mês de Janeiro de 2016. Por intermédio dessas visitas, identificaram-se muitas demandas que não poderiam ser sanadas de uma só vez. Dentre elas se destacou uma em específico, a questão contábil e financeira da Associação além do modo de organização da produção.

Tendo essas questões como um direcionador, o pesquisador elencou aquela que seria a de maior relevância para os problemas que os associados relataram durante a pesquisa, sendo ela a questão da gestão financeira, tendo um importante destaque a questão contábil. Buscou-se a princípio uma orientação voltada para a prática da gestão financeira e suas ferramentas no ambiente da associação, porém no decorrer da pesquisa por intermédio dos conhecimentos que surgiram a partir das informações geradas, optou-se por apresentar as consequências da explicitação da geração de receitas e despesas.

Essas informações foram obtidas através de relatos informais dos associados por meio da incursão do pesquisador no ambiente de trabalho desses associados. Dessa forma foram realizadas várias visitas no local, para obter um maior número de informações possíveis e através delas gerar o conhecimento que foi a base para a construção das tabelas. A Ascajuf Centro e os demais núcleos estão envolvidos com o Movimento Nacional dos Catadores de Papel, porém muitos associados o desconhecem quase que inteiramente. As informações se

limitam à existência e não compreendem o que realmente esse Movimento faz. O desconhecimento não se limita a essa ordem de questões, abrangendo também a área da gestão interna. Isso reflete a condição geral da organização popular e também é a principal fonte das dificuldades encontradas e que limitaram o andamento da pesquisa, conforme indicaremos adiante.

Com isso, o método utilizado se restringiu aos depoimentos informais conforme supracitado e ao levantamento de dados da própria Associação. Esse método apresenta um cunho qualitativo. Segundo Goldenberg:

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34)

Além desse elemento de cunho qualitativo abordado pelo autor supracitado a pesquisa ainda apresenta caráter exploratório que, na visão de Gil, denota uma incursão inicial do problema de pesquisa:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas. Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema escolhido é bastante genérico, tornam-se necessários seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados. (GIL, 2007, p. 46.)

Com isso, nota-se que o método utilizado na presente pesquisa trabalha com conceitos de cunho qualitativo e de caráter exploratório, em que houve uma aproximação do objeto em estudo, caracterizando-o e diagnosticando-o conforme poderá ser visto mais adiante no terceiro tópico do presente Trabalho de Conclusão de Curso, além de coletar relatos e experiências dos associados e através desse contato extrair dados a serem utilizados na pesquisa.

Procurou-se abordar temas da área de finanças aplicadas às organizações privadas, buscando um melhor entendimento sobre o assunto e de como essas questões financeiras são tratadas por autores como ASSAF NETO (2009), GITMAN (1997), ROSS (2008), e outros, mostrando como essas teorias conseguem beneficiar as organizações privadas, buscando a maximização do lucro. Para balancear e fazer uma crítica a esses autores, diagnosticando o modo como esse lucro é alcançado realmente, são apresentados alguns conceitos de Marx sobre o problema da exploração econômica do trabalho produtivo.

Buscou-se também apresentar a gestão financeira, com um viés na questão contábil e de como esses quesitos são tratados nas organizações que fazem parte do terceiro setor. Trata-se de assunto em voga e que sustenta a tendência de transpor as técnicas de gestão financeira do terreno privado para o não governamental de modo acrítico.

Após entender melhor essas questões financeiras e como elas funcionam, surgem então questões ligadas também ao Movimento Nacional, como o princípio da autogestão que de maneira geral é entendido, segundo relatos dos próprios associados, como “o modo de fazer as coisas sem que ninguém tenha que mandar fazer”.

O pesquisador terá a oportunidade de demonstrar os efeitos provocados por informações relacionadas aos custos e de como são gerados e arcados nos processos produtivos, envolvendo os associados da Ascajuf Centro. Esse ponto marca a reviravolta na pesquisa e mostra como a interferência de um conhecimento que foi gerado a partir de dados obtidos por meio de relatos dos próprios associados modificaram o ambiente da Ascajuf Centro, no sentido de alterar o modo de organização que vinha sendo praticado a cerca de sete anos.

Dessa forma, preocupou-se em apresentar as mudanças ocorridas no modo de organização da Ascajuf Centro após essa interferência, reconhecendo que o objetivo foi alcançado mesmo ocorrendo mudanças.

Por fim, apresenta-se a importância de ingressar em pesquisas de cunho social, estreitando assim as relações sociais, demonstrando que é possível ajudar uma organização, mesmo que essa não seja de origem privada ou pública, a fim de promover o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos na pesquisa, buscando alguma forma de melhoria, mesmo que essa melhoria possa modificar o ambiente até então inalterado.

## 2 O MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES

Antes de adentrar no âmbito mais específico da pesquisa, procurou-se primeiro entender mais sobre o Movimento Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis (MNCR).

Surgido em meados de 1999 com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel, o MNCR foi fundado em junho de 2001 no 1º Congresso Nacional dos Catadores (as) de Materiais Recicláveis em Brasília, evento que reuniu mais de 1.700 catadores e catadoras. No congresso foi lançada a *Carta de Brasília*, documento que expressa as necessidades do povo que sobrevive da coleta de materiais recicláveis.

Muitos associados da Ascajuf Centro desconhecem quando e como foi criado esse Movimento e qual sua finalidade. Com isso percebe-se que seria de grande valia para os associados saber que esse Movimento busca valorizar a categoria, garantido sua independência de classe, sem auxílio político, governamental e de empresários de renome.

O Movimento acredita na prática da ação direta popular, que é a participação efetiva do trabalhador em tudo que envolve sua vida, algo que rompe com a indiferença do povo e abre caminho para a transformação da sociedade. O Movimento tem como missão, contribuir para a construção de sociedade justa e sustentável a partir da organização social e produtiva dos catadores de materiais recicláveis e suas famílias, orientados pelos princípios que norteiam sua luta (autogestão, ação direta, independência de classe, solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo), estejam eles em lixões à céu aberto, nas ruas ou em processo de organização.

Hoje, o Movimento representado por seus associados dialoga com toda sociedade a necessidade do controle social na gestão dos resíduos sólidos (gestão integrada), melhorando a qualidade de vida de todas as pessoas e de gerações futuras, tendo como tarefa lutar pelo reconhecimento, inclusão e valorização do trabalho dos catadores e catadoras, auto organizando-os em Bases Orgânicas, com independência e solidariedade da classe oprimida, lutando contra a incineração e a privatização do lixo, minimizando os impactos ambientais, aumentando a vida útil do planeta e construindo o poder popular.

## 2.1 Princípios e Objetivos do Movimento.

O Movimento Nacional dos Catadores tem por princípios a autogestão e a democracia direta, sendo esses princípios disseminados por meio de seminários que são realizados em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e outras, conforme nos informa o site oficial (<http://www.mncr.org.br/>). Nesses seminários são discutidos assuntos relacionados ao próprio Movimento e também algumas pendências que são levadas pelas associações, que são representadas por um grupo escolhido por cada associação para poder ir a esses encontros e voltar com algo que possa ser de grande utilidade para o restante dos integrantes que não puderam participar.

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis procura desenvolver a auto-gestão e organização dos catadores através da constituição de bases orgânicas, em que há participação de todos os (as) catadores (as) que querem ajudar a construir a luta de seus direitos, levando em consideração um critério de democracia direta em que todos têm voz e voto nas decisões.

Nesse ponto o Movimento tenta construir uma imagem, que busca um maior envolvimento e entendimento dos associados à luz de seus princípios, fazendo com que cada um perceba seu grau de importância na hora da tomada de decisões nas associações as quais fazem parte.

De acordo com o Movimento a autogestão é um princípio que os trabalhadores são os donos das ferramentas e equipamentos de produção, além de organizar o trabalho sem patrões, tendo a decisão, o planejamento e a execução sob controle dos próprios trabalhadores. A democracia direta, como princípio do Movimento, é forma de decisão tomada pela participação coletiva e responsável da base e pode ser feita por consenso ou por maioria de votos, mas sempre deve respeitar antes de tudo a exposição das ideias e o debate.

Conforme destacado acima, os princípios da autogestão e da democracia direta são a base do Movimento. Mas será que todas as associações os conhecem e os praticam? Nota-se aqui uma possível falha no discurso empregado pelo movimento, que é levar para todas as associações espalhadas pelo Brasil afora esses princípios e que eles sejam características predominantes no contexto de cada associação, no entanto o Movimento pode estar se esquecendo da situação de carência vivida por muitos catadores (as), sendo que muitos nem mesmo sabem ler e escrever, e quando sabem não apresentam senso crítico. Esse fato pôde ser

constatado por meio de relatos dos associados da Ascajuf Centro e também por situações vividas no ambiente pesquisado.

O Movimento Nacional apresenta também na forma de ação direta popular<sup>1</sup> bem como em outras formas de organização um princípio e método de trabalho, que rompe com a apatia, a indiferença e a acomodação de muitos catadores, que partem desde a construção inicial de galpões e sua manutenção, até as mobilizações nas grandes lutas contra a privatização do saneamento básico e do lixo, contribuindo para a preservação da natureza, mas também lutando pelo devido reconhecimento e valorização da profissão dos catadores.

Nota-se que o Movimento apresenta muitas características semelhantes aos sindicatos que representam os trabalhadores. Nesse caso os sindicatos buscam através de manifestações, paralisações e outras formas de reivindicações demonstrar a insatisfação de uma classe, a trabalhadora, que pode ser representada por qualquer tipo de trabalhador, podendo ser desde um auxiliar de serviços gerais até gerente de banco, isso na esfera privada, e também podem ser servidores públicos que atuam em diferentes áreas da esfera pública. No caso do Movimento essa mobilização não é contra a uma indústria ou empregador, mas sim contra um sistema que possa prejudicar sua forma de trabalho, como citado acima, a possível privatização do sistema de saneamento básico, bem como a construção de incineradores, além da busca incansável por reconhecimento e valorização da classe.

O Movimento Nacional também busca não só garantir a independência de classe<sup>2</sup> em relação aos partidos políticos, governos e empresários, mas também luta pela gestão integrada dos resíduos sólidos com participação ativa dos catadores organizados, desde a execução da coleta seletiva com catadores de rua, até a triagem e o beneficiamento final dos materiais, buscando tecnologias viáveis que garantam o controle da cadeia produtiva, firmando com os poderes públicos contratos que garantam o repasse financeiro pelo serviço

---

<sup>1</sup> A ação direta pode ser entendida como um princípio e método que carrega o sentido do protagonismo do povo auto organizado, ou seja, é o povo que deve fazer diretamente as transformações, com o exercício de suas próprias forças, união, organização e ação. A ação direta pode ser da pessoa para o grupo, do grupo para a base, da base para o movimento, e do movimento para a sociedade. Fonte: <http://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/principios-e-objetivos>.

<sup>2</sup> A independência de classe é o princípio histórico que orienta a luta do povo na busca pela verdadeira emancipação das estruturas que dominam; significa que a união do povo, sua luta e organização, não pode ser dividida por diferenças partidárias, nem se deixar manipular ou corromper pelas ofertas que vem das classes dominantes. Fonte: <http://www.mncr.org.br/sobre> o mncr/principios e objetivos.

prestado à sociedade e cobrando das empresas privadas, produtoras industriais dos resíduos, o devido pagamento pela nossa contribuição na reciclagem.

Percebe-se que nesse ponto o Movimento continua a lutar pelo reconhecimento de classe, mas sem o auxílio de forças externas que possam vir a corromper seus princípios e ideais. Além disso, busca um controle dos meios de produção e seus recursos, a fim de criar argumentos que possam colaborar na hora de negociar preços finais de venda com indústrias que utilizam de seus materiais e também na relação com órgãos públicos na hora de negociar o repasse de subsídios, garantindo assim uma isonomia entre as partes.

Para o movimento o apoio mútuo ou ajuda mútua é o princípio que orienta a atitude para a prática que contribui para a construção da solidariedade e da cooperação, sendo contrário aos princípios da competição, do egoísmo, do individualismo e da ganância.

Sabe-se que a sociedade está dividida em classes, cujas expressões mais evidenciadas na superfície social se apresentam como pobres e ricos, opressores e oprimidos, os que mandam e os que obedecem. A grande maioria do povo faz parte das classes oprimidas, tendo ao fundo o caráter de trabalhadores, trabalhadores potenciais ou ainda o lupemproletariado, cujas frações se encontram no sistema capitalista de produção, como: os sem-terra, os sem teto, os índios, os trabalhadores assalariados, etc....

Neste ponto nota-se a percepção que o Movimento tem com relação ao conceito de classe. Podemos recorrer a Marx para auxiliar nessa compreensão sobre as classes, pois em sua visão:

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não suplantou os velhos antagonismos de classe. Ela colocou no lugar novas condições de opressão, novas formas de luta. Entretanto, a nossa época - a época da burguesia - caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas grandes classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado (MARX, 1999, p 8).

Como classes fundamentais e não únicas, essas próprias se subdividem em outros estratos e frações de classes. O conflito, portanto, envolve o interior também das próprias classes. Além disso Marx ainda aborda a questão do lupemproletariado como se lê:

O lupemproletariado, esse produto passivo da putrefação das camadas mais baixas da velha sociedade, pode, às vezes ser arrastado ao movimento por uma revolução proletária; todavia, suas condições de vida o predispõem mais vender-se a reação. (MARX, 1999, p. 24.)



A partir de uma formação de consciência de classe e fazendo um levantamento das demais classes que são oprimidas pelo sistema capitalista, o Movimento tenta de forma árdua se colocar como interlocutor de uma classe que ainda hoje sofre discriminação por parte dos indivíduos que constituem a sociedade, não sendo devidamente reconhecida pelo trabalho que é realizado por essas camadas do lupemproletariado, ficando muitas vezes à margem da sociedade. Além disso, o movimento tenta transpor barreiras e busca uma união com outras classes que são também oprimidas, a fim de se tornarem mais fortes juntas em meio as classes que são dominantes, criando assim uma forma de compartilharem os mesmos ideais e ainda buscarem algumas formas alternativas de transpor essa barreira do sistema capitalista predominante.

Conclui-se que o movimento está preocupado não somente com a situação da categoria dos catadores, mas sim com todas as classes que possam estar envolvidas na luta contra o sistema capitalista e que compartilhem de um mesmo ideal, que seria neste caso uma superação de todas as classes da sociedade. A partir dessa compreensão nota-se que os catadores envolvidos nessa pesquisa, fazem parte da classe do lupemproletariado, pois pertencem a uma camada que luta a cada dia, mesmo em condições precárias de trabalho, por sua subsistência. O Movimento hoje pode ser considerado um forte aliado dos catadores na luta incessante em transpor a realidade que vivem, a fim de buscar melhorias não só na questão financeira, como também seu reconhecimento perante a sociedade.

## 2.2 A Ascajuf e o Movimento Nacional dos Catadores

Não se sabe bem ao certo como a parceria da Ascajuf com o Movimento Nacional dos Catadores se iniciou, mas tudo indica que foi desde sua criação, em outubro de 2008. Os associados ficam muitas vezes desanimados, pois quando participaram de congressos e seminários, não entendem muito bem o que dizem e muito do que dizem nas palestras não traduzem a realidade vivida pelos associados, conforme relatos da pesquisa.

As diretrizes do movimento são seguidas pela associação, quase sempre de forma indireta, devido à falta de informação.

Muitos princípios como a *autogestão* e a *democracia direta*, são desconhecidos por eles, pois não sabem o que significa nem tampouco imaginam para que serve e de onde vem, mas mesmo que não possuam esse tipo de conhecimento, demonstram traços que denotam algumas expressões características desses princípios como por exemplo: a forma de separação

de tarefas, sendo tudo feito com base no sistema de participação de todos associados respeitando suas opiniões, sendo acatadas ou não, somente se todos estiverem de acordo. Sabem também que não tem cobrança por parte de nenhuma figura de líder, em ter que dar produção, ou se explicar em caso de uma possível falta, tudo o que é feito parte da vontade de cada associado em produzir o tanto que acharem necessário para sua própria subsistência, caracterizando assim um pouco da autogestão, mesmo que eles desconheçam esse princípio.

A partir disso, nota-se igualmente que o movimento na visão de muitos associados da Ascajuf Centro não passa de um “sindicato falido”, como os relatos diretamente expressam, por não ter contribuído em nada em prol da associação e até hoje não ter sido divulgado nada sobre o assunto entre eles. Sendo assim o movimento para eles não tem valor algum, pois não o reconhecem como símbolo de luta em busca de melhorias, isso na percepção dos associados da Ascajuf Centro.

Com isso percebe-se que o Movimento apresenta muito bem seus princípios e tenta através deles mostrar aos catadores que só seria possível algum tipo de mudança se os mesmos seguissem fielmente esses princípios, tendo-os como direcionadores, e que o próprio Movimento estaria à disposição para auxiliar os catadores no que fosse necessário, mas o que pôde ser constatado durante a pesquisa é que na realidade a associação Ascajuf Centro e seus associados desconhecem esses princípios e reconhecem esse Movimento apenas como um órgão que luta por seus interesses, como um sindicato e que na visão deles ainda é falido.

Dessa forma pode-se dizer que o Movimento no plano das ideias é uma maravilha, pois demonstra cada princípio e como eles podem auxiliar os catadores em seu cotidiano para que assim pudessem atingir seus objetivos, porém na realidade vivida pelos associados da Ascajuf Centro o Movimento e seus princípios não conseguem chegar até esses associados, pois tudo que eles conseguem enxergar sobre esse Movimento são apenas pessoas que os representam e lutam por alguma coisa, os associados não sabem dizer que coisa é essa e se essa coisa será de alguma valia para eles.

### **3 A ASCAJUF: CARACTERIZAÇÃO E DIAGNÓSTICO**

A Ascajuf – Associação Municipal dos Catadores de papel, papelão e materiais reaproveitáveis de Juiz de Fora –, objeto de análise no presente trabalho de conclusão de curso, está ativa desde 16/10/2008, cumprindo a função de retirar das ruas o que poderia eventualmente parar no rio Paraibuna ou em outros locais, como aterro sanitário (lixão). A Associação é composta por vários associados, porém, atuam em localidades distintas, sendo assim constituídas por três núcleos, que são: Ascajuf Centro, Ascajuf São Pedro e Ascajuf Zona Norte (Usina).

De acordo com a pesquisa aqui apresentada, tomou-se como base a Ascajuf Centro, localizada na cidade de Juiz de Fora, na rua do Monte, bairro Vitorino Braga.

A Associação tratada neste trabalho está enquadrada na Política Nacional de Resíduos Sólidos - PNRS, estabelecida pela Lei nº 12.305/2010, que trata da gestão integrada dos resíduos sólidos no Brasil, ou seja, todos (gestores, consumidores e comunidade em geral) terão responsabilidades no descarte do que não mais tiverem a intenção de possuir. A Política estabelece as diretrizes para que possa dar uma destinação final satisfatória aos resíduos sólidos, como uma forma de proteção ao meio ambiente, utilizando-se de diversos instrumentos para o desenvolvimento de novos métodos de gestão, tratamento e disposição ambiental adequada dos resíduos. Uma novidade trazida pela Política é a participação dos catadores de materiais recicláveis no processo da coleta seletiva.

A adoção de políticas de subsídios que permitam aos Catadores de Materiais Recicláveis avançarem no processo de reciclagem de resíduos sólidos é de extrema importância. A PNRS prevê no artigo 7º algumas medidas de inclusão dos catadores, entre elas o incentivo à indústria de reciclagem e a integração dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos.

A Prefeitura de Juiz de Fora (PJF), preocupada em implantar a Política Nacional de Resíduos Sólidos e com a ressocialização e a inclusão social de catadores de materiais recicláveis, propôs um projeto-piloto, onde foram licitados dois caminhões específicos para a coleta seletiva que estão desde o dia 23/07/2012 coletando em alguns bairros da cidade.

Esse projeto tem como interessados não só os catadores, mas também a população juizforana, e foi através dele que se pôde conscientizar mais sobre a situação do lixo

produzido e ainda ter a noção de que ao estarem participando desse projeto, contribuem não só com a sociedade e o meio ambiente no qual estão inseridos, como também com os cidadãos (catadores) que retiram seu sustento desse material descartado.

Os associados que compõem a Ascajuf Centro, enfrentam a dura realidade de ter que pagar o aluguel, água, luz e algumas despesas de mercado, sendo que o local não lhes oferece uma infraestrutura adequada para se trabalhar. No interior, são encontrados sete boxes, onde cada associado fica responsável pelo seu, e cada um desses boxes não apresenta estrutura de telhado, dificultando assim o trabalho, pois a incidência de chuva implica que as atividades sejam interrompidas e muitas vezes o material já reciclado é perdido. Há também um banheiro de uso mútuo em estado precário, e ainda um lugar onde realizam suas refeições diárias, não havendo separação desse local, com o ambiente de trabalho. Como pode ser evidenciado nas figuras abaixo:

**Figura 1- Um dos boxes da Ascajuf Centro.**



**Fonte:** Foto tirada pelo próprio autor no local.

**Figura 2- Outro box da Associação com materiais separados.**



**Fonte:** Foto tirada pelo próprio autor no local.

**Figura 3- Visão panorâmica dos boxes.**



**Fonte:** Foto tirada pelo próprio autor no local.

**Figura 4- Box**



**Fonte:** Foto tirada pelo próprio autor no local.

**Figura 5- Associados durante a refeição.**



**Fonte:** Foto tirada pelo próprio autor no local.

A Associação conta com uma prensa para realizar trabalhos de padronização dos materiais como papelão, papel, “*Pets*”<sup>3</sup>, dentre outros, em volumes de até 200 quilos, sendo chamados de packs. Esses packs são feitos por uma prensa, que atualmente não estava operando com sua capacidade máxima, pois a mesma teria a capacidade de fazer packs de 400 quilos e hoje só consegue fazer packs de 200 quilos conforme citado acima. Além disso, os associados ainda possuem uma balança que serve para pesarem os packs, contribuindo assim para especificar a quantidade de material que cada associado produziu.

---

<sup>3</sup> A palavra *pets* na linguagem usada pelos associados para triagem do material, significa garrafas de plástico de corpo transparente, mais comumente utilizadas por fabricantes de refrigerante (coca cola), água e sucos.



**Figura 6- Entrada da Ascajuf Centro juntamente com a prensa.**



**Fonte:** Foto tirada pelo próprio autor no local.

Ainda diagnosticando a Ascajuf Centro, constatou-se por meio de relatos, a existência uma verba advinda de doação e que essa verba seria liberada para construção de um novo centro de triagem. Pesquisando mais a fundo, percebe-se a veracidade desse fato, sendo essa verba doada pelo Banco do Brasil, no de 2010, como pode ser constatado em matéria veiculada pelo site da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 6 de agosto de 2010, que diz:

Depois de anos de luta, a Associação Municipal dos Catadores de Materiais Recicláveis e Reaproveitáveis de Juiz de Fora (Ascajuf), apoiada pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Juiz de Fora (Intcoop/UFJF), terá um galpão de reciclagem próprio. O Banco do Brasil anunciou, oficialmente, no dia 04 de agosto de 2010, o repasse de R\$ 204 mil para a realização das obras<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup>Fonte:<http://www.ufjf.br/proex/2010/08/06/apoiada-pela-intcoop-associao-de-catadores-tera-galpao-proprio/>

Esse investimento foi resultado de três anos de negociações entre a Ascajuf, o Banco do Brasil, a Câmara Municipal de Juiz de Fora, a Associação Municipal de Apoio Comunitário (AMAC) e a UFJF, representada pelo coordenador geral da Intcoop, Petrônio Barros. Na época, a instituição financeira aceitou repassar a verba para o empreendimento, desde que fosse disponibilizado um terreno para a construção do galpão. Com o recurso financeiro garantido, as discussões se concentraram sobre o novo local, onde seria guardado o material reciclado. A Prefeitura de Juiz de Fora decidiu repassar o terreno, localizado no bairro Poço Rico, próximo ao campo do Tupynambás, para a associação.

De acordo com coordenador da Intcoop, as obras do galpão deveriam começar ainda no mês de agosto do ano de 2010, tendo uma previsão de que a construção estivesse pronta em um prazo de três meses e que a inauguração acontecesse até o final do mesmo ano.

Para ajudar na profissionalização da categoria, o coordenador geral da Intcoop supracitado anunciou que iria disponibilizar um bolsista de extensão, do curso de Economia da UFJF, para trabalhar oito horas por dia junto à associação. O aluno exerceria função de elaborar planilhas, de pensar nos valores do material e trabalhar toda essa parte financeira com os associados.

Com a construção desse galpão os associados teriam um local de trabalho digno, além de colocar a Ascajuf em um patamar semelhante ao de outras associações. Com esse novo espaço seria possível ampliar os trabalhos e fazer com que mais catadores se associassem, pois esse galpão seria maior do que os locais onde a Ascajuf hoje está instalada e teriam melhores condições para acomodar os materiais que foram separados na triagem, criando com isso melhores condições de trabalho além de boas expectativas.

Após dois anos do fato apresentado acima, a UFJF volta a ajudar a Ascajuf, mas agora com o projeto pronto do galpão, realizado por professores e alunos de engenharia e entregue para representante da Ascajuf, na data do dia 25 de setembro de 2012 conforme pode ser constatado a seguir na matéria publicada no site da UFJF no dia 26 de setembro de 2012:

Mais de R\$ 60 mil foram economizados pela Associação Municipal dos Catadores de Materiais Recicláveis e Reaproveitáveis de Juiz de Fora (Ascajuf) graças a um trabalho social realizado conjuntamente por professores da Faculdade de Engenharia da UFJF. Com o apoio de alunos, o grupo elaborou o projeto completo do novo galpão dos catadores, que será construído em terreno de 430 m<sup>2</sup>, no Bairro Santa Tereza, próximo ao clube Tupynambás, na Zona Sudeste.

O projeto contou com o apoio de seis alunos, que aproveitaram a oportunidade para aplicar os conhecimentos ensinados em sala na prática de engenharia social. Além deles, quatro professores foram responsáveis pela elaboração dos trabalhos: Juarez Velasco, Marconi Moraes, Marcos Borges e Miguel Pimenta. Este foi o maior trabalho realizado pelo Núcleo de Assistência Social da Faculdade de Engenharia (Nasfe), que oferece suporte a pessoas carentes financeiramente, com projetos de proporções menores.

Ciente da importância do reaproveitamento do lixo e do crescimento constante dessa atividade em Juiz de Fora, o responsável pelo projeto elétrico, professor Juarez Velasco, elogiou o trabalho dos catadores “o mundo está crescendo e com isso surgem cada vez mais materiais descartáveis. A reciclagem tem papel cada vez mais importante nesse cenário e é uma fonte de recurso financeiro enorme”.

O projeto foi encaminhado para a Prefeitura, que doou o terreno e ficou como responsável pela obra. O próximo passo seria a abertura de um processo de licitação, para selecionar a empresa que ficaria encarregada pela construção<sup>5</sup>.

Os fatos apresentados acima tiveram seu início no final do ano de 2009 estendendo-se até o ano de 2012 e nada foi efetivado ainda. Muitos associados da Ascajuf Centro já estão descrentes de que algo possa acontecer, pois já se passaram quase 6 anos do início do projeto, e eles ainda continuam exercendo suas atividades no mesmo local.

### 3.1 Quem São?

A Ascajuf Centro é formada por pessoas comuns que necessitam exercer essa atividade para sua subsistência. A população de um modo geral tem um pouco de receio quando se deparam com essas pessoas (catadores) pelas ruas, pois logo associam a profissão que exercem com alcoolismo, com uso de drogas, muitas vezes julgando-os como vagabundos. Acreditam que só porque existem muitos catadores que se encaixam nesse estereótipo, todos tendem a ser desse mesmo jeito.

A sociedade teria outra impressão sobre esses catadores se informassem mais sobre o assunto, pois na Ascajuf Centro existem pessoas como a Vera, que está nessa vida de catadora há mais ou menos 27 anos, e que se orgulha de dizer que “foi através desse trabalho, com muita luta e perseverança, que conseguiu criar seus sete filhos”, entre os quais quatro deles

---

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.ufjf.br/secom/2012/09/26/faculdade-de-engenharia-projeta-galpao-para-catadores-de-jf/>

ainda trabalham junto com ela na Ascajuf Centro. Essa senhora é umas das fundadoras da Ascajuf Centro junto com mais seis associados, destacando-se a Márcia, a Marta e a Sueli.

A Sueli é responsável pelas contas da associação, tendo a função de demonstrar no final de cada semana, o que cada associado tem para receber. Ela calcula as contas com auxílio de anotações que faz durante o dia a dia de cada associado e no sábado pela manhã apresenta o resultado e entrega a quantia devida para os mesmos.

Os catadores, diferentemente de um advogado, médico, professor, administrador, entre outras profissões, não tem sua atividade reconhecida, mas através da luta constante por reconhecimento, conseguiram avançar um pouco mais na questão de ter direitos, atualmente possuem uma cartilha contendo seus direitos e obrigações, através de decretos e leis, porém muitos dos catadores não usufruem desse benefício, por não saberem ler e escrever.

### 3.2 Organização e Produção

Em conformidade com o projeto criado pela prefeitura municipal de Juiz de Fora em 23 de julho de 2012, a Ascajuf Centro recebe um caminhão da coleta seletiva por dia. A coleta seletiva se refere a um caminhão que passa recolhendo em alguns bairros específicos de Juiz de Fora, os resíduos já separados por tipo de material como por exemplo: plástico, vidro, latas de alumínio, papelão, papel, garrafas pet, entre outros, das residências e assim que terminam levam o material para a Ascajuf Centro, para que lá os associados tenham como terminar de reciclar o material.

Com o material já em mãos os associados, por meio de decisão coletiva, optaram pelo método de que cada dia da semana seria de um associado, ou seja, cada associado teria um dia da semana o material coletado por um caminhão da seletiva, minimizando assim um possível conflito nas relações sociais, no que diz respeito à partilha dos resultados obtidos dia a dia, em que um poderia se sentir lesado pelo outro, por estar a trabalhar mais que o companheiro.

Adotando esse método, os associados percebem que cada pessoa trabalha mais disposta e assume a responsabilidade de produzir apenas o que achar necessário para sua subsistência, além de dispor da ajuda dos outros associados se preciso, em casos de acúmulo de serviço, devido a quantidade de material entregue pelo caminhão da seletiva.

A partir desse ponto em que a *Seletiva*<sup>6</sup> chega, percebe-se que o método adotado por eles passa por três etapas, sendo: a primeira etapa consiste em separar o papelão do restante do material para que assim possa utilizar a prensa e fazer os packs de papelão e desocupar a frente do local, para uma possível chegada de uma nova *Seletiva*. O restante do material é colocado em bags (sacos remendados de farelo, fubá ou milho) e levados para o box do associado, que por sua vez pode começar a separar no mesmo dia ou deixar para separar nos dias posteriores, ficando a seu critério.

A segunda etapa consta em reciclar o restante do material, separando-os da seguinte classificação na modalidade papel: papelão, papelão misto, jornal, revista; e na classificação plástico tem-se: pet, garrafa colorida, leitoso, fino incolor, fino colorido, pet óleo e *pp*<sup>7</sup>, tendo cada um o seu preço de venda específico.

A terceira etapa abrange em prensar o restante do material separado, fazendo vários volumes, sendo estes pesados e contabilizados pela Sueli em seu caderno de anotações. Tendo cada associado executado essas etapas chega a hora de enviar os volumes para os depósitos, por meio de *Atravessadores*<sup>8</sup>, sendo eles muitas vezes os próprios donos de depósito. Os associados acabam sendo penalizados por terem pouco poder de barganha frente aos atravessadores, pois dependem dos mesmos para escoar sua produção.

Conclui-se que este modelo de organização da produção apresenta algumas características da autogestão encontrada nos princípios do Movimento Nacional, contudo na Ascajuf Centro existem traços dessa autogestão, sendo caracterizada na forma de tomada de decisão, em que todos têm que estar de acordo com o que foi proposto para que essa decisão seja válida, porém fazem isso de forma simples sem muita exigência de algum conhecimento específico, apenas votam no que estão de acordo e fazem. Um bom exemplo disso é a maneira de como organizaram seu método de produção, em que cada um fica responsável pelo caminhão da *Seletiva* num determinado dia semana, sendo esses dias escolhidos e determinados por todos, tendo como processo de aprovação uma reunião composta pelos membros da Ascajuf Centro, onde decidem o melhor dia para cada associado.

---

<sup>6</sup> Nome dado pelos associados ao caminhão que percorre alguns bairros de Juiz de Fora coletando os materiais de forma seletiva, ou seja, já separados conforme especificações de cada material como por exemplo: papel, papelão, garrafas plásticas, latinhas de alumínio e etc., a fim de chegar na Ascajuf Centro os materiais quase prontos para triagem.

<sup>7</sup> Os materiais *pp* são usados para fabricar copos plásticos, recipientes para alimentos, remédios e produtos químicos, material hospitalar, embalagens industriais, caixas de bebidas, autopeças, potes para margarina, sorvete, tampas e rótulos. Reciclado, gera caixas e cabos para bateria de carro, caixas e bandejas

<sup>8</sup> Os atravessadores, são pessoas que compram os materiais que são reciclados pelos associados e vendem para empresas que necessitam dessa matéria prima para realização de suas atividades.

#### **4 GESTÃO FINANCEIRA: APURANDO AS POSSIBILIDADES PARA ORGANIZAÇÕES POPULARES.**

A gestão financeira apresenta várias vertentes. Tratar-se-á neste tópico sobre a gestão financeira nas organizações privadas ou públicas e nas organizações populares.

Segundo Assaf Neto (2009) a gestão financeira e o uso adequado de suas ferramentas, estão diretamente relacionados com a seleção das decisões financeiras, de maneira que essas decisões possam ser tomadas segundo critério mais racional. Assaf menciona que a empresa ou organização (privada) tem como principal objetivo, a satisfação de seus proprietários que pode ser medida através da maximização do lucro ou por algum parâmetro de desempenho mais abrangente, que incorpora alegadamente o bem-estar de toda sociedade, como ocorre na organização pública.

Em conformidade com Gitman (1997), nota-se que algumas pessoas acreditam que o objetivo dos proprietários é a maximização do lucro. Para atingir o objetivo de maximização do lucro, o administrador financeiro toma, apenas, aquelas providências que, espera-se, dar maior contribuição para a lucratividade da empresa. Assim, dentre as alternativas consideradas, o administrador financeiro escolherá aquela que resultar no maior retorno monetário possível. Porém, a maximização do lucro é falha por várias razões. Gitman apresenta duas possíveis formas de falha: a data da ocorrência dos retornos, o fluxo de caixa disponível aos acionistas (as receitas da empresa não representam fluxo de caixa disponível aos acionistas) e o risco (a maximização do lucro desconsidera não apenas o fluxo de caixa, mas também o risco, ou seja, a possibilidade de que os resultados realizados possam ser diferentes daqueles esperados).

No contexto apresentado acima, nota-se que para utilizar essas técnicas e alcançar seus objetivos a organização depende do trabalhador, pois é por intermédio dele que as técnicas são corretamente implementadas e por conseguinte é alcançado o objetivo final, que é contribuir para o aumento na margem de lucro.

Marx retratou em seu livro *O Capital* de forma bem expressiva, a criação da mais-valia. Ele tem como base de seu estudo, o trabalhador atuando em diferentes formas de matérias primas ou objetos, a fim de, sob comando do capital, produzir mercadoria ou valores de troca como condição para a mais-valia e, portanto, do lucro produtivo daí decorrente. Trata-se da diminuição do tempo socialmente médio de produção das mercadorias e

ampliação do trabalho excedente nos esquemas coexistentes da mais-valia absoluta e relativa.

Segundo Marx:

processo de trabalho, em que o trabalhador labuta além dos limites do trabalho necessário, embora lhe custe trabalho, dispêndio de força de trabalho, não cria para ele nenhum valor. Ela gera a mais-valia, que sorri ao capitalista com todo o encanto de uma criação do nada .( MARX, 1996, p. 331).

Essa parte da jornada de trabalho, Marx chama de tempo de trabalho excedente, e o tempo de trabalho despendido nela de mais trabalho.

No caso da Ascajuf Centro, percebe-se que não tem como ocorrer esse tipo de criação de valor de forma direta, pois eles trabalham de forma autônoma e não criam nenhum tipo de objeto ou produto, apenas reciclam o material que vem na *Seletiva*, sendo esse material utilizado como matéria prima por outras empresas. Neste caso os associados fazem parte de uma cadeia produtiva, e funcionam como elos de uma engrenagem para compor um sistema maior<sup>9</sup>. Para exemplificar melhor, basta ter em mente que os associados realizam a triagem e vendem o material para os atravessadores e recebem apenas a quantia necessária para compor sua renda e não seu lucro. Já as indústrias que recebem o material dos atravessadores utilizam esse material novamente e conseguem a partir dele extrair a mais valia de seus funcionários. Nesse sentido, os catadores formariam o lupemproletariado que se acopla em condições quase sub-humanas ao processo mais amplo de reprodução do capital, circulando parte das matérias primas que serão reutilizadas na produção do valor nas indústrias. Desse modo, o trabalho deles não cria novo valor.

#### 4.1 As Técnicas Financeiras Utilizadas em Organizações Privadas.

No que diz respeito à gestão financeira de uma organização privada, percebe-se que o objetivo central dessas técnicas é identificar ou mensurar o quanto a organização conseguiu potencializar o seu lucro, e ainda são capazes de gerar informações para que os gestores possam tomar decisões de curto e de longo prazo.

Entre as técnicas financeiras mais utilizadas, destacam-se o Fluxo de Caixa, o Valor Presente Líquido (VPL) e a Taxa Interna de Retorno (TIR). O Fluxo de Caixa, também é

---

<sup>9</sup> Sistema maior quer dizer que fazem parte de uma cadeia produtiva onde estão presentes as indústrias, os atravessadores, os catadores, os comerciantes e a população.

conhecido como Orçamento de Caixa, é considerado um instrumento que relaciona os ingressos e saídas de recursos monetários pela organização em determinado intervalo de tempo. Através de seu uso é possível prognosticar eventuais excedentes ou escassez de caixa no período, determinando medidas saneadoras a serem tomadas (FREZATTI, 1997). Tem como finalidades principais, avaliar a viabilidade de alternativas de investimento e financiamento, avaliar os impactos das decisões tomadas pela empresa ao longo do tempo, certificar-se que excessos momentâneos de caixa estão sendo devidamente aplicados para amortizar dívidas assumidas em momentos posteriores e ainda se está conseguindo realizar novos investimentos.

O Valor Presente Líquido é uma medida obtida pela diferença entre valor presente dos benefícios líquidos de caixa, previstos para cada período do horizonte de duração do projeto e o valor presente do investimento. (ASSAF NETO; GUASTI LIMA, 2011). Em outras palavras, o Valor Presente Líquido demonstra o quanto o projeto gerou de resultado econômico em relação ao capital investido, ou o quanto o projeto rendeu ao longo de sua implementação com relação ao dispêndio que a organização teve para iniciar esse projeto.

A Taxa Interna de Retorno é a taxa de desconto que iguala em determinado momento as entradas com as saídas previstas de caixa (ASSAF NETO E GUASTI LIMA, 2011). É através dessa medida que a organização toma suas decisões de investimento, pois se o resultado obtido pelo cálculo da TIR for maior que o retorno exigido pela organização, a mesma deve realizar o investimento. Caso o resultado da TIR for menor que o retorno exigido, a organização não deve realizar o investimento, pois seu retorno real será menor do que o retorno exigido, podendo caso a organização insista no investimento, acarretar em prejuízo.

Esse conjunto de ferramentas ou técnicas são utilizadas por organizações privadas, que através dos dados obtidos podem tomar decisões importantes sobre investimento a ser realizado, e também combinadas geram benefícios para organização seja pública ou privada.

Segundo Gitman o valor presente líquido (VPL) considera explicitamente o valor do dinheiro no tempo, sendo considerado uma técnica sofisticada de orçamento de capital. O orçamento de capital é o processo de avaliação e seleção de investimentos de longo prazo condizentes com o objetivo empresarial de maximizar a riqueza dos proprietários. Tendo como base esse princípio o VPL é uma das técnicas mais utilizadas pelas organizações privadas, para decisões de investimentos, uma vez que, utiliza uma taxa especificada de



desconto em seus fluxos de caixa. Essa taxa de desconto consiste no retorno mínimo que um projeto precisa proporcionar para manter inalterado o valor de mercado da empresa.

Existe também a taxa interna de retorno (TIR) que para Gitman, é considerada uma das técnicas mais comuns utilizadas pelas organizações privadas além do valor presente líquido (VPL) é claro. A TIR consiste na taxa de desconto que faz o VPL de uma oportunidade de investimento seja igual a zero, isso porque o valor presente das entradas de caixa se iguala ao investimento inicial. Existem critérios alguns de decisão que a organização deve seguir como, por exemplo: se o resultado encontrado no cálculo da TIR for maior que o custo de capital, deve-se aceitar o projeto; se o resultado da TIR for menor que o custo de capital, deve-se rejeitar o projeto. Esse custo de capital deve ser entendido como taxa de retorno que uma empresa precisa obter sobre seus investimentos para manter o valor da ação inalterado.

As organizações para conseguir atingir os objetivos, que são apresentados em cada técnica descrita e apresentada acima no entendimento de Gitman, tem que ter como alicerce os ativos circulantes que sustentam as operações da organização no seu dia-a-dia, conhecido como capital de giro. Sem o mesmo a organização não consegue pôr em prática nenhuma das técnicas supracitadas.

Para Ross as técnicas financeiras são de grande importância para as organizações, tendo cada uma seu princípio e objetivo bem delineados. A primeira questão para Ross é saber sobre o orçamento de caixa, que para ele é o processo de planejamento e gerenciamento de investimentos de longo prazo, no qual o administrador financeiro tenta identificar as oportunidades de investimento que valem mais para a organização do que seu custo de aquisição. Além disso, existe uma questão de suma importância, que é a estrutura de capital de uma organização, sendo ela a combinação específica entre o exigível de longo prazo e o patrimônio líquido utilizado para financiar suas operações. Ross apresenta também o termo capital de giro que se refere ao ativo circulante de uma empresa, como por exemplo: os estoques e ao seu passivo circulante, como recursos devidos aos fornecedores. Julga importante também a administração correta do capital de giro, sendo considerada uma atividade diária para garantir que a organização tenha recursos suficientes para continuar suas operações e evitar interrupções caras, envolvendo várias atividades.

As técnicas de gestão financeiras são como base de muitas organizações por isso a necessidade de entendê-las muito bem. Ross caracteriza muito bem essas técnicas podendo dizer que um investimento só vale a pena quando cria valor para seus proprietários. No caso

do valor presente líquido (VPL), que para ele é considerado como uma medida do valor que é criado ou agregado hoje por um investimento que será feito. Para ilustrar isso Ross apresenta um exemplo no qual podemos ler:

Com nossa casa velha, provavelmente podemos imaginar como tomaríamos a nossa decisão do orçamento de capital. Em primeiro lugar, veja quais casas comparáveis e no mesmo estado para que saiba quanto vale a atual casa. Em seguida, obteríamos estimativas de quanto custaria comprar determinada propriedade e colocá-la no mercado. Nesse ponto, teríamos um custo total estimado e um valor de mercado estimado. Se a diferença foi positiva, então esse investimento valeria a pena, porque ele teria um valor presente líquido estimado positivo. Existe o risco, é claro, porque não há garantias de que nossas estimativas estejam corretas (ROSS, 2008, p. 266).

Segundo o conceito apresentado por Ross, um investimento só deveria ser aceito se o valor presente líquido fosse positivo e, recusado, se ele fosse negativo.

Conforme já visto em outros autores, Ross também considera a taxa interna de retorno (TIR) uma das técnicas de maior importância na área que envolve as técnicas financeiras e que está diretamente relacionada com o valor presente líquido (VPL). Com relação a TIR há uma tentativa de encontrar uma única taxa de retorno que resuma os resultados de um projeto, sendo considerada como uma taxa interna no sentido que depende apenas dos fluxos de caixa de determinado investimento, e não das taxas oferecidas em outro lugar. Então para ele em termos conceituais a TIR sobre um investimento nada mais é que o retorno necessário que resulta em um VPL zero quando ela é usada como taxa de desconto.

Com base nos conceitos apresentados por cada autor, nota-se que perseguem apenas um objetivo principal: ajudar a melhorar o retorno esperado pela organização, e ainda auxiliar nas decisões de investimento de longo prazo. Existem duas técnicas muito citadas pelos autores que são o VPL e a TIR, que trabalhando em conjunto formam uma base quase segura para tomada de decisão de investir num novo projeto, pois através dos cálculos obtidos por meio dessas técnicas pode-se observar um critério bastante objetivo como apresentado acima junto com as ideias dos autores. Com isso a organização tende a quase sempre realizar as melhores tomadas de decisões possíveis, pois as mesmas estão embasadas por meio de técnicas que são como um norte para o tomador de decisão da organização, obtendo muitas vezes sucesso, que se concretiza na forma de alavancar seu lucro.

A partir da lógica de gestão financeira aplicada em organizações privadas e também pública apresentadas, o pesquisador procurou entender melhor essa gestão financeira mas

agora com um viés nas organizações do terceiro setor, buscando a melhor forma de aplicar essas ferramentas de gestão na Ascajuf Centro.

#### 4-2 Gestão Financeira Aplicada em Organizações do Terceiro Setor.

As Organizações Terceiro Setor são também conhecidas como Associações, Fundações e Organizações Não Governamentais (ONGs). Essas organizações apresentam características distintas, como por exemplo: as fundações têm sua origem em um patrimônio ou seu conjunto de bens, ao passo que as associações se originam da vontade de um grupo de pessoas unidas por uma causa ou objetivos sociais comuns (ABONG, 2003).

Essas organizações não têm como objetivo final lucro, mas sim propiciar uma melhor condição de vida para os indivíduos de uma localidade na forma de atendimento médico ou farmacêutico, ou simplesmente orientando e auxiliando os órgãos públicos, em questões envolvendo a sociedade.

Para que essas atividades se concluam e essas parcerias se tornem realidade essas entidades ou organizações necessitam de subsídios, pois existem profissionais que prestam serviços para essas organizações e necessitam de renda para sua subsistência. Esses recursos podem ser obtidos de duas formas: por meio de doações feitas pela própria população e também na forma de subsídios que são repassados pelo governo.

Com base nesses objetivos e também na forma de como a arrecadação é feita, percebe-se que essas organizações são diferentes das demais, pois não tem o lucro como seu objetivo final. Daí a necessidade da capacitação desses indivíduos no que tange o gerenciamento dessas organizações. Como Drucker comenta:

Na gerência de uma instituição sem fins lucrativos, a missão e o plano são as boas intenções. As estratégias são os tratores. As estratégias são particularmente importantes nas organizações sem fins lucrativos. Como dizia Santo Agostinho, deve-se rezar por milagres, mas trabalhar para os resultados (DRUCKER, 1995, p. 45)

Ele ainda destaca que:

Em muitas das administrações de organizações sem fins lucrativos, as próprias instituições sabem que necessitam ser gerenciadas exatamente porque não tem

“lucro convencional”, elas sabem que precisam aprender a utilizar como ferramenta para focar na sua missão (DRUCKER, 1995, p. 79).

Com isso nota-se a preocupação em capacitar os indivíduos, para que possam exercer essa função gerencial de maneira correta, sem perder o foco dessas organizações. Contudo, além de capacitação, eles também podem contar com ferramentas que os auxiliem nesta tarefa gerencial.

Percebe-se que as organizações do terceiro setor apresentam muitas particularidades, dentre as quais algumas já foram apresentadas, porém para que essas formas gerenciais funcionem essas organizações precisam ser capazes de compreender algumas questões financeiras, mais precisamente as questões contábeis.

Para a Associação Brasileira das Organizações Não Governamentais (ABONG), essas organizações precisam saber sobre conceitos básicos de receitas, despesas e investimento. Essa organização explica que as receitas são todos os valores que a organização recebe, seja de doações (de projetos ou voluntárias), seja de atividades próprias ou provenientes de juros ou de rendimentos sobre aplicações financeiras. As despesas são todos os gastos de natureza passageira, que podem ser repetitivos ou não. Exemplo: salários, aluguel, serviços de terceiros etc. Os investimentos são gastos de natureza permanente, normalmente em bens, necessários ao funcionamento da organização. Exemplo: microcomputador, um arquivo, casa, carro etc. (ABONG, 2003)

Dessa maneira a ABONG conceitua alguns pontos que fazem parte do contexto da gestão financeira, a fim de prosseguir para o próximo passo que é o entendimento sobre o orçamento. O orçamento pode ser dividido em 3 fases, sendo elas a de elaboração, execução e controle. Segundo a ABONG a fase de elaboração consiste na compreensão da previsão dos gastos em determinado período (anual, por exemplo) e das receitas a serem obtidas. A fase de execução é a fase em que ocorrem os gastos previstos, com pagamentos à vista ou a prazo; as receitas são obtidas de acordo com as disponibilidades dos doadores ou contribuintes. E por fim a fase de controle que consiste no acompanhamento dos gastos e das receitas recebidas, em que o trabalho é analisar se os gastos estão ocorrendo de acordo com a previsão, se há excessos ou não (ABONG, 2003).

Com todas essas informações percebe-se que há uma preocupação constante no modo de como gerenciar financeiramente essas organizações, mesmo que seu objetivo final não seja o lucro. É possível notar que há uma semelhança no modo de como pensar e gerir

financeiramente as organizações, sendo elas privadas, públicas ou sem fins lucrativos ainda mais nas questões envolvendo contabilidade.

Dessa forma conclui-se que não será uma tarefa fácil auxiliar a Ascajuf Centro, pois mesmo sendo chamada de Associação, e envolvendo pessoas com objetivos comuns, existem barreiras que não fazem dela uma Associação na visão proposta pela ABONG, pois os indivíduos que compõem a Ascajuf Centro não possuem nenhum conhecimento sobre as questões retratadas acima, além de seu principal objetivo ser o de obter a partir da atividade que exercem uma renda para sua subsistência, sem ter nenhuma outra forma de ganho, podendo contar com o auxílio das pessoas apenas com relação à atividade de separação dos materiais na hora do descarte.

Com isto há uma necessidade de compreender melhor a autogestão, além de identificar algumas particularidades dessa autogestão na organização em estudo a Ascajuf Centro a fim de auxiliá-los da melhor forma possível na questão da gestão financeira sem perder esse princípio de vista.

#### 4.3 O Princípio da Autogestão Presente nas Organizações Populares.

Para entender melhor a autogestão e como ela se faz presente nas organizações populares, deve-se ter em mente a relação entre duas classes, a classe operária e os empregadores, tendo como principal foco a luta das classes operárias em seu contexto histórico, como Viana relata nesta passagem de seu livro *Manifesto Autogestionário* em que podemos ler:

Em certos momentos históricos, há um avanço na luta operária: as lutas cotidianas se tornam lutas autônomas. Os proletários se libertam das instituições que dizem representá-los, radicalizam suas lutas, colocam reivindicações mais radicais. Esta autonomização do proletariado é uma nova etapa da luta que pode marcar a passagem para a terceira e fundamental fase: a das lutas autogestionárias. É nesta passagem que se vê o embrião da nova sociedade, um desenvolvimento da consciência revolucionária, um processo de auto-organização. E o movimento operário realiza isto tudo através do movimento grevista (VIANA, 2008, p.17).

Nota-se que nesta passagem Viana tenta demonstrar traços que remetem algum tipo de organização de classes que se reconhecem, buscando alcançar um objetivo comum compartilhado por todos para seu benefício, mesmo que este seja apenas um aumento de salário, ou melhores condições de trabalho. Em outro momento, Viana demonstra que esse

movimento pode não ser apenas um movimento grevista que paralisa a extração de mais-valor, para reivindicar aumento de salário, mas consiste em sua forma mais concreta, a ruptura das relações de poder até então vigentes, uma vez que os trabalhadores não parem de trabalhar e se apoderem das indústrias, passando a ter controle dos meios de produção em conjunto. Isso pode ser identificado na passagem na qual Viana argumenta que:

(...) a greve de ocupação ativa, uma radicalização e aprofundamento da greve de ocupação, que marca já um passo rumo ao questionamento da propriedade privada, das relações de produção capitalistas. Este processo de greve de ocupação ativa exige, para significar um verdadeiro movimento revolucionário, a generalização para um conjunto significativo de unidades de produção. Ao ocorrer tal processo, ocorre, simultaneamente, uma forma superior de auto-organização, a formação dos conselhos de fábrica. Os conselhos de fábrica passam a gerir as fábricas e fazê-las funcionar de forma autogerida (VIANA, 2008, p. 19).

Ainda segundo o autor:

(...) A autogestão surge no processo de produção e deve se expandir para todas as outras esferas da vida social abolindo tanto o mercado (“lei do valor”) quanto o estado. A autogestão é, assim, uma relação de produção e não como nas ideologias burguesas, mera forma de gestão de empresas, ou simplesmente democracia direta. As organizações que realizarão a substituição dos organismos do estado capitalista surgidos do próprio processo revolucionário, tais como os conselhos de fábrica, conselhos de bairros, etc., formando a base dos conselhos revolucionários que serão responsáveis pela autogestão social (VIANA, 2008, p.66).

Entende-se com isso, que o processo de autogestão vai muito além da mudança na forma de gerir as empresas, em que a relação social que opera é apenas a de empregador e empregado, onde a figura do empregador desaparece e passa para ideia de conselho de trabalhadores, os quais decidem o modo de produção mais adequado a ser seguido por todos, uma vez que todos são parte do conselho.

Viana vai além dessa fronteira, tentando criar através dos ideais dessa autogestão relacionada aos trabalhadores, um novo modo de produção que substituirá o capitalismo, extrapolando os princípios antes vistos apenas na autogestão voltada para organizações capitalistas para vida em sociedade conhecida como autogestão social, mas como esse não é o foco da pesquisa, tomar-se-á apenas essa autogestão nas organizações.

Nota-se que a autogestão técnica é bem aceita pelas organizações privadas, uma vez que seus custos diminuem, pois, o efetivo que era direcionado para fiscalizar, se as tarefas estavam sendo cumpridas em conformidade com o que foi proposto, já não é mais necessário. Portanto, não impõe de fato alguma contradição ao domínio do capital. Ao contrário, expressa

um cume alto dessa dominação em que os trabalhadores se tornam cúmplices ativos de sua própria dominação.

Além desse conceito a buscou-se também a compreensão do conceito de autogestão empregado pela Conferência Nacional realizada em Lisboa em maio de 1978 em que se lê:

A autogestão é a construção permanente de um modelo de socialismo, em que as diversas alavancas do poder, os centros de decisão, de gestão e de controle, e os mecanismos produtivos sociais, políticos e ideológicos se encontram nas mãos dos produtores- -cidadãos, organizados livres e democraticamente, em formas associativas criadas pelos próprios produtores-cidadãos, com base no princípio de que toda a organização deve ser estruturada da base para a cúpula e da periferia para o centro, nas quais se implante a vivência da democracia direta, a livre eleição e revogação, em qualquer momento das decisões, dos cargos e dos acordos.(NASCIMENTO, 2003, p.3)

A Ascajuf Centro a partir dessas explanações sobre autogestão se enquadra nos perfis apresentados, de modo que os próprios associados desenvolvem métodos para divisão do trabalho, para a venda do material reciclado e, por fim, para divisão do quanto cada membro irá receber. A diferença entre a autogestão técnica e a autogestão praticada na Ascajuf Centro, nada mais é que, na primeira, o trabalho praticado pelos empregados ou colaboradores é direcionado para os que detêm o controle do capital, e, na Ascajuf Centro, o resultado obtido pelo trabalho dos associados é direcionado a eles mesmos, em forma de renda a partir do lucro que é possível produzir, mesmo que esses tenham grandes limitações na barganha com os atravessadores.

No contexto atual em que a Ascajuf Centro se encontra, percebe-se que existem traços e características que remetem ao princípio da autogestão como, por exemplo, no modo como a organização da produção é realizada e ainda na hora da tomada de decisão, em que essa decisão só é aceita por meio de votação e todos tem o mesmo peso na hora dessa decisão. Contudo, sabe-se que o pressuposto para existência da autogestão é o conhecimento e como ele promove mudanças profundas no modo como os indivíduos se relacionam e como essa relação pode provocar distorções na realidade em que essas pessoas estão vivendo, pois até o momento tudo que é exposto para a sociedade é embasado nas relações contraditórias entre capital e trabalho, uma vez que o capitalista detentor da propriedade privada dos meios de produção exerce um controle sobre a classe trabalhadora que precisa vender a única coisa que lhes pertence que é sua mão de obra para poder sobreviver.

Tendo isso em mente, a autogestão tenta demonstrar que é possível uma nova forma de gestão em que os trabalhadores sejam donos dos próprios negócios e possam compartilhar

entre si, conhecimentos adquiridos ao longo de sua existência, para que assim possam crescer juntos e de maneira igualitária sem que um prejudique ou explore o outro. Porém aí é que se encontra uma possível falha no entendimento dessa lógica, pois nos traços da autogestão vivenciada pelos associados da Ascajuf Centro a realidade é outra, uma vez que as condições de trabalho são quase sub-humanas e sua relação é de ajuda nas questões relacionadas com as despesas mensais da associação. Nessa perspectiva, percebe-se que os associados não apresentam condições de superação dessa forma de trabalho a qual estão submetidos, muitas vezes por não terem conhecimento suficiente para refutar o preço de cada mercadoria que é imposto pelo atravessador. Dessa forma procurou-se observar os conceitos relacionados com a autogestão nas diferentes perspectivas apresentadas, para que assim pudesse direcionar as melhores alternativas de gestão financeira e adequá-las para Ascajuf Centro.

#### 4.4 Como Utilizar então as Técnicas Financeiras nas Organizações Populares

Percebe-se que não é tarefa simples o desenvolvimento de técnicas de gestão financeira em organizações populares, pois apenas se apoderar de algumas técnicas financeiras e utilizá-las normalmente como numa organização privada, pode ferir o princípio da autogestão, compartilhado pelos membros da Ascajuf, uma vez que o objetivo dessas técnicas é maximizar o lucro, demonstrado pelos indicadores do VPL e da TIR, visando uma perspectiva de longo prazo, sendo esses apresentados apenas para satisfazer os interesses de um ou mais donos da organização. Na Ascajuf Centro esses resultados serão apresentados de forma coletiva, a fim de todos terem conhecimento do que foi ganho e o quanto será efetivamente entregue a cada membro, mas em forma de renda e não de lucro, numa perspectiva de curto prazo.

Na Ascajuf Centro, por ter membros com um baixo nível de escolaridade, esse processo tende a ser mais gradativo, a fim de que todos possam utilizar e desfrutar dos benefícios dessas técnicas, porém essas ferramentas financeiras tem que ser modificadas no intuito que todos compreendam o resultado alcançado, sem ter muita sofisticação como nas organizações privadas, mas que sejam de grande auxílio para que os associados possam compreender e compartilhar esse conhecimento através dos resultados obtidos por intermédio dessas técnicas, a fim de contribuir não apenas com um indivíduo ou grupos de



indivíduos (acionistas), como o que acontece nas organizações privadas, mas contribuindo sim como pequeno avanço no modo de pensar de todos associados.

Com isso o foco dessa pesquisa dar-se-á em apenas alguns elementos das técnicas, como o capital de giro e o resultado líquido. O capital de giro pode ser entendido como o dinheiro que eles tem para investir em maquinário ou liquidar contas e o resultado líquido será apresentado como o que eles tem para receber no final de cada semana trabalhada, ou seja, sua renda, sendo esses resultados divulgados e apresentados para cada membro.

Nesse contexto o capital de giro deixa de ser apenas um número frio, em que o administrador apresenta para seu chefe, a fim de identificar o quanto tem de disponibilidades, para cumprir com seus compromissos, omitindo assim uma complexa relação. Relação essa que está vigente desde os princípios do capitalismo, a relação capital-trabalho, onde o trabalho fica omitido, ou é apenas transformado em simples números, que são julgados como ótimos ou ruins, por indivíduos que se preocupam apenas com o resultado expostos pela planilha no final de cada período sem se preocupar como esse resultado foi alcançado. Isso também serve para o resultado líquido, por isso a dificuldade em transpor essa barreira da técnica financeira em que só é visto os números e não o passo a passo, que fez com que esses números fossem alcançados.

As técnicas serão úteis para Ascajuf, mas apenas se todos compreenderem para que servem e o porque de cada uma, além de obterem esses conhecimento devem também não só se prender nesses números, mas sim no modo em como se chegou aos números, ou seja, no quanto que tiveram que trabalhar para que pudessem alcançar com o auxílio das técnicas financeiras aqueles resultados, e ainda perceber como é importante que cada associado entenda de onde está vindo o recurso para sua subsistência.

Conforme relatado acima, a pesquisa tinha como alvo transpor reflexivamente técnicas advindas do território do capital para auxiliar no cotidiano da associação pesquisada, criando primeiramente uma base de dados que serviria de referência para coletar os dados que permitiriam uma melhor análise e por meio disso auxiliar na tomada de decisão na qual todos estariam envolvidos e sabendo de tudo o que estivesse acontecendo, isto é, procurando praticar os princípios autogestionários que deveriam orientar a associação. Essa propositura inicial pretendia discutir os limites dessa transposição e as medidas necessárias para superar as marcas de seu território de origem e a lógica regente dessas técnicas: a lógica do capital.

Porém, ao coletar esses dados e começar a montar uma base de dados aconteceu algo que não estava previsto, como pode ser evidenciado a seguir.

Com a motivação de tentar transpor algumas técnicas, que são genuinamente do território do capital, para organizações populares, como a Ascajuf, foi abordado em tópicos anteriores da presente pesquisa, a maneira que essas técnicas são aplicadas nas organizações privadas e públicas sendo de suma importância para tomada de decisão, seja essa decisão voltada para o investimento no caso de organizações privadas ou para disponibilizar serviços que vão atender às necessidades da população no caso de organizações públicas. Mas como então se utilizar dessas técnicas sem interferir nos princípios que permeiam as associações?

Conforme visto no tópico dois que compõe a presente pesquisa, esses princípios são norteados pela autogestão, e também a democracia direta, sendo assim não tem como simplesmente se apropriar de uma técnica do capital e aplicar no seio das associações, sem que algo seja transformado. Essas técnicas do capital, tem como princípio fomentar a maximização do lucro, podendo esse lucro ser direcionado a um só indivíduo ou a um grupo deles. Já nas associações essas técnicas buscariam atender a necessidade de todos associados.

A princípio a demanda que os associados da Ascajuf tinham, era como apresentar seus ganhos em coletividade, sem depender tanto de uma pessoa só, mesmo que essa pessoa fosse eleita por meio de votação (aqui percebe-se algum traço da autogestão e também da democracia direta) para realizar esse tipo de serviço, e também procurar entender melhor o funcionamento da relação entre quantidade de material vendido e o quanto cada um contribuía para ajudar com as despesas do local, como aluguel, luz, gás de cozinha e algumas despesas de mercado.

Com o passar das visitas feitas no local, procurou-se entender mais sobre o modo de produção que trabalhavam e também como essas contas eram feitas. Conforme dito anteriormente, essas contas eram feitas pela Sueli, e ao final de cada semana ou quinzena apresentava o resultado para os associados. Com base no que foi relatado por ela e percebendo a maneira de como era feito esse serviço tentou-se criar uma base de dados, de forma bem simples, para colaborar de forma eficaz com o serviço que era realizado por ela.

A elaboração dessa base de dados foi realizada seguindo três passos, sendo o primeiro passo a identificação do preço de venda de cada material. Esse preço de venda constitui o quanto o atravessador paga por quilo de cada material reciclado, tendo cada produto um preço específico como pode ser evidenciado na tabela abaixo:

**Tabela1: Relação entre os produtos e o preço de venda por quilo:**

PRODUTOS	PREÇO V R\$
PET	1,10
PET VERDE	1,00
GARRAFA COLORIDA	0,50
LEITOSO	0,80
FINO INCOLOR	0,30
FINO COLORIDO	0,20
PET ÓLEO	0,20
PLÁSTICO DURO	0,30
PP	0,40
PAPELÃO MISTA	0,25
PAPELÃO	0,28
PAPEL MISTA	0,15
REVISTA	0,17
JORNAL	0,17
PAPEL BRANCO	0,25
SUCATA	0,15
COBRE	14,00
METAL	7,00
ALUMINIO	3,50

Fonte: Tabela criada pelo próprio autor.

O segundo passo, era identificar o valor da despesa que eles tinham para realizar suas tarefas durante um mês. O valor dessas despesas está representado na tabela abaixo:

**Tabela 2: Despesas mensais da Ascajuf Centro.**

Aluguel	R\$	600,00
Luz	R\$	180,00
Água	R\$	50,00
Gás	R\$	70,00
<b>Total de gastos</b>	<b>R\$</b>	<b>900,00</b>

Fonte: tabela elaborada pelo próprio autor

Com isso em mãos, passou-se à etapa mais complexa, isto é, entender o que era o preço de compra. O preço de compra segundo a percepção de Sueli era o quanto o associado recebia realmente pelo quilo de material vendido. Por exemplo, se o preço de venda do material chamado *Pet* fosse de R\$ 1,20 por quilo, o preço de compra era de R\$ 1,00, ou seja, o associado recebia em mãos o valor do quilo desse material multiplicado pelo valor R\$ 1,00. De acordo com o que foi relatado por ela, e para exemplificar melhor, esses valores podem ser encontrados na tabela abaixo:

Tabela3: Relação entre os produtos e o preço de compra

PRODUTOS	PREÇO DE COMPRA R\$
PET	1,00
PET VERDE	0,80
GARRAFA COLORIDA	0,30
LEITOSO	0,50
FINO INCOLOR	0,60
FINO COLORIDO	0,15
PET ÓLEO	0,10
PLÁSTICO DURO	0,30
PP	0,30
PAPELÃO MISTA	0,15
PAPELÃO	0,20
PAPEL MISTA	0,10
REVISTA	0,15
JORNAL	0,15
PAPEL BRANCO	0,20
SUCATA	0,10
COBRE	14,00
METAL	7,00
ALUMINIO	3,50

Fonte: tabela elaborada pelo próprio autor.

Com base nos três passos, adveio uma questão inevitável: essa diferença, o que fazem com ela? A explicação que a Sueli forneceu durante a pesquisa foi que essa diferença, chamada por ela de *Sobra*, serviria para contribuir com as despesas da associação, sendo que cada associado contribuía de forma indireta, pois o que era pago a eles no final, era o preço de compra e não o de venda. Um exemplo dessa sobra pode ser identificado tabela abaixo:

Tabela 4: Demonstração da *Sobra*

PRODUTOS	PREÇO V R\$	Q QUILO	TOTAL R\$	PREÇO C	Q. QUILO	TOTAL R\$
PET	1,10	178	195,80	1,00	178	178,00
PET VERDE	1,00	80	80,00	0,80	80	64,00
GARRAFA COLORIDA	0,50	186	93,00	0,30	186	55,80
LEITOSO	0,80	228	182,40	0,50	228	114,00
FINO INCOLOR	0,30	64	19,20	0,60	64	-
FINO COLORIDO	0,20	300	60,00	0,15	300	45,00
PET ÓLEO	0,20	0	-	0,10	0	-
PLÁSTICO DURO	0,30	68	20,40	0,30	68	20,40
PP	0,40	0	-	0,30	0	-
PAPELÃO MISTA	0,25	1000	250,00	0,15	1000	150,00
PAPELÃO	0,28	482	134,96	0,20	482	96,40
PAPEL MISTA	0,15	474	71,10	0,10	474	47,40
REVISTA	0,17	260	44,20	0,15	260	39,00
JORNAL	0,17	260	44,20	0,15	260	144,00
PAPEL BRANCO	0,25	720	180,00	0,20	720	-
SUCATA	0,15	0	-	0,10	0	-
COBRE	14,00	0	-		0	-
METAL	7,00	0	-		0	-
ALUMINIO	3,50	0	-		0	-
TOTAL R\$			1.375,26			993,00
<b>SOBRA</b>	<b>382,26</b>					

Fonte: tabela elaborada pelo próprio autor.

Esses dados foram obtidos por meio de um papel, entregue a Vera pelo material que a mesma reciclou em uma semana. Nota-se que ela contribuía com o valor de R\$ 382,26 para pagar as despesas, com isso ao invés dela receber pelo preço de venda ela receberá pelo preço de compra, ou seja, dos mil trezentos e setenta e cinco reais e vinte seis centavos, ela receberá apenas novecentos e noventa e três reais.

A partir disso surgiu uma segunda questão inevitável: se cada associado contribuía dessa forma, conclui-se que um associado contribuía mais que outro; desse modo, os associados têm inteira consciência do fato? Até o presente momento não faziam ideia, e o modo de como era feito a distribuição dos gastos e a forma de pagamento vinha sendo a mesma há mais ou menos uns sete anos. Sueli para explicar o porquê do método utilizado afirmou que, se não fosse feito assim, os associados não contribuiriam, eles simplesmente pegam o dinheiro e não entregariam a parte que destinada para o pagamento das despesas.

Com o passar de alguns meses, conversando com Paulo (associado) filho de uma associada, constatou-se que seria de grande ajuda ter uma pessoa que auxiliasse nessa questão da contabilidade, pois a carga de serviço e responsabilidade de Sueli era muito grande e a

mesma fazia todas as contas à mão no caderno, uma vez que não tinham computador para auxiliá-los. Tendo conhecimento desse fato e através de um esforço conjunto houve uma mobilização por parte de pessoas as quais o pesquisador foi relatando os fatos que estavam ocorrendo durante a presente pesquisa e com isso conseguiram um computador para Ascajuf Centro, como doação.

Contudo muitos ali se depararam com uma barreira, pois nem todos sabiam manusear um computador, nem se quer conseguiam ler e entender o que estão lendo. Por isso foi realizada uma reunião em que ficou acordado a princípio que a Sueli ficaria com computador em casa, pois no local onde a Ascajuf Centro o computador poderia ser furtado, e também devido à falta de estrutura em caso de incidência de chuva. Ela seria responsável por trazer toda semana a planilha montada com cada valor a ser pago aos associados e explicaria como chegou aquele valor.

Nesse momento de decidirem com quem ficaria o computador e como esses dados seriam apresentados percebe-se pequenos traços da autogestão. Contudo através de um simples conhecimento aplicado na Ascajuf Centro, fez com que os associados comesçassem a refletir e a se indagar sobre o quanto de recursos estavam destinando para contribuir com os gastos mensais da associação. Com isso em vez da tecnologia e o conhecimento ali expressos na forma da base de dados no computador contribuir para eficácia e transparência dos dados fez com que os associados tomassem outras medidas

Os associados da Ascajuf Centro resolveram então por meio de muita conversa, convocar a Rosa, até então presidente da Ascajuf, para uma reunião. Essa reunião tinha como pontos principais discutir o modo de como era realizado as contas, tanto para o recebimento, quanto para pagamento de despesas dos associados na Ascajuf Centro. Com o prosseguimento da reunião, ficou acordado entre os associados que haveria mudança na forma de pagar as despesas, além de ter uma mudança na forma de pagamento dos associados.

Essa mudança ocorreu, tendo como principais pontos a nova divisão dos custos das despesas, e também a alteração do valor pago aos associados por cada material, com isso eles agora vão receber o valor expresso pelo preço de venda e não mais pelo preço de compra como era feito sete anos atrás. Sendo assim cada associado terá que contribuir com uma quantia certa todo mês para ajudar a cobrir as despesas.

A Ascajuf Centro tem uma despesa mensal no valor aproximado de R\$ 900,00, em que está incluído o aluguel que hoje é o que mais onera associação apresentando um valor de seiscentos reais, a luz com um valor estimado em cento e oitenta reais, a água no valor de

cinquenta reais e o gás no valor de setenta reais, conforme demonstrado na Tabela 2, cada associado agora passa a contribuir com cem reais por mês.

A princípio todos concordaram com o que foi proposto na reunião, porém um mês depois muitos associados não cumpriram com o que ficou acordado. Com isso alguns associados que não querem parar suas atividades, pois dependem daquele trabalho para sua sobrevivência, acabam pagando as partes dos associados que não contribuíram. Além disso, há associados que também estão boicotando o serviço, isto é, não estão realizando a triagem do caminhão da seletiva, o associado espera o caminhão chegar, e diz ao motorista que não irá receber, com isso o motorista se vê obrigado a ter que ir embora e pedir orientação ao chefe de departamento do DEMLURB para saber como deverá proceder. Muitas vezes esse caminhão que não foi recebido pelo associado da Ascajuf Centro acaba indo parar no aterro sanitário, pois não tem como ser escoado para outra associação.

Essas mudanças afetaram não só a maneira de como os associados trabalhavam, mas esse conhecimento trouxe o início de um conflito capaz de modificar um ambiente em que tudo estava relativamente bem. Com isso o clima de trabalho na Ascajuf Centro encontrou certa deterioração e muitos associados insatisfeitos não estão nem indo trabalhar. Porém alguns associados não deixam que isso os afete e continuam a seguir em frente, pois precisam retirar dali o seu sustento.

Com tudo isso que ocorreu a base de dados do programa teve de ser modificada, pois agora o valor a ser recebido por eles equivale ao valor de venda de cada material multiplicado por quantidade em quilos gerando assim um valor final que se traduz no ganho efetivo de cada associado. Pode-se constatar esse fato na Tabela 5 abaixo

**Tabela 5: Relação entre o preço de venda com a quantidade por quilo**

PRODUTOS	PREÇO DE VENDA R\$	QUANTIDADE QUILO	TOTAL R\$
PET	1,10	0	-
PET VERDE	1,00	0	-
GARRAFA COLORIDA	0,50	0	-
LEITOSO	0,80	0	-
FINO INCOLOR	0,30	0	-
FINO COLORIDO	0,20	0	-
PET ÓLEO	0,20	0	-
PLÁSTICO DURO	0,30	0	-
PP	0,40	0	-
PAPELÃO MISTA	0,25	0	-
PAPELÃO	0,28	0	-
PAPEL MISTA	0,15	0	-
REVISTA	0,17	0	-
JORNAL	0,17	0	-
PAPEL BRANCO	0,25	0	-
SUCATA	0,15	0	-
COBRE	14,00	0	-
METAL	7,00	0	-
ALUMINIO	3,50	0	-
TOTAL R\$			-

Fonte: Tabela elaborada pelo próprio autor.

No caso dos gastos a tabela ainda continua a mesma, porém o que irá mudar é o custo de despesa de cada associado, ou seja, cada associado agora terá de contribuir com cem reais conforme citado anteriormente.

Com isso a base de dados agora existe apenas para destacar o que é vendido por quilo de cada material além de destacar agora o quanto cada um tem realmente a receber, pois o custo agora para eles é fixo, podendo ocorrer alguma variação desse custo devido a posteriores aumentos que possam vir nas despesas como aumento do consumo de energia, gasto com água, um possível aumento de aluguel e também algum reajuste no valor do gás.

Sendo assim cada associado agora tem que se preocupar em fazer sua parte e colaborar com as despesas da Ascajuf Centro primeiro, para depois pensar em começar a trabalhar para obter seu ganho para sua subsistência.

Conclui-se que esse pequeno conhecimento que foi empregado na associação, provocou muitas mudanças que não estavam previstas na pesquisa, fazendo com que a mesma tomasse outro rumo, pois agora não tem como utilizar as técnicas advindas do território do capital, uma vez que a associação não apresenta dados suficientes do ganho de cada



associado, impossibilitando assim a criação de fluxos de caixas, além de ter deteriorado uma possível forma de capital de giro, que seria o que a Sueli chamava de *Sobra*.

Nota-se que a Sueli detinha o controle de quanto cada um iria receber no final de cada semana, por ser ela que fechava as contas e também precificava de forma arbitrária o valor de cada material vendido por cada associado.

Dessa forma alguns associados estão por demais satisfeitos, pois agora passaram a receber de forma integral o valor que lhes é repassado pelo atravessador, tendo que se preocupar apenas com o valor que foi proposto na reunião, ficando acordado que o valor das despesas seria rateado de forma igual para cada associado.

Percebe-se também que mesmo não sendo caracterizada como uma forma de organização privada que visa lucro em seu sentido econômico produtivo, a Ascajuf Centro é composta por pessoas que estão dentro de um sistema que predomina desde muito tempo e até hoje vigora, o sistema capitalista e suas ideias permeiam até mesmo associações que tem por princípio a autogestão, a democracia direta. Essas ideias podem ser identificadas quando o conhecimento trazido pela pesquisa foi aplicado na Ascajuf Centro, pois surgiram questões como individualismo, egoísmo e uma sensação de insegurança uma vez que os associados se sentiram enganados por Sueli.

Sabe-se que não tem como separar essas características, ainda mais no mundo em que, o que impera é esse tipo de sistema capitalista. Nesse sistema o indivíduo precisam ser o melhor dos melhores, visando a competição e não a cooperação. A cooperação que deveria existir entre os associados da Ascajuf Centro, mas mesmo nesse ambiente não tem como fugir desses conceitos que são característicos do capitalismo, pois nenhuma técnica ou uma simples base de dados como foi utilizada na pesquisa, são completamente neutras.

Com tudo isso expressa-se uma realidade que não poderia fazer parte do ambiente da Ascajuf Centro, pois mesmo que os princípios da autogestão não sejam expressos em sua magnitude, pôde-se constatar que fizeram presentes na associação tratada alguns traços. A partir dessa lógica os associados que produzem mais, poderiam contribuir mais para ajudar a cobrir os gastos mensais, enquanto os outros complementariam, porém o que pôde ser observado na prática é que essa lógica só daria certo se os mesmos tivessem um conhecimento maior sobre esse tipo gestão e o colocassem em prática no seu cotidiano, fazendo com que todos compreendessem e compartilhassem dessas ideias a fim de se sentir parte da associação, não havendo diferenciação entre eles, onde um poderia colaborar mais que o outro sem se sentir lesado por isso, conforme apresentado na pesquisa, contribuindo em prol de algo maior

que supere o individualismo, o egoísmo, buscando uma lógica baseada nos princípios da autogestão aplicando-as na Ascajuf Centro, para que assim pudessem compreender que fazem parte de um todo.

## **5 -CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

O presente trabalho procurou apresentar características e diagnosticar demandas de uma associação de catadores de Juiz de fora, a Ascajuf Centro. Com essas demandas identificadas optou-se por dar ênfase em uma, que era a questão da contabilidade com foco na questão dos ganhos e dos custos.

Buscou-se inicialmente utilizar dos recursos provenientes das técnicas financeiras que vem do território do capital, para auxiliar uma organização social com características bem peculiares, com a presença de traços da autogestão. No entanto, não seria uma tarefa fácil fazer essa transposição, pois essas técnicas possuem objetivo voltado para auxiliar organizações privadas a sempre maximizar o lucro, preocupando-se apenas em gerar o maior retorno possível, para organização e seus *shareholders*. No caso da Ascajuf Centro essas técnicas seriam baseadas na organização dos dados obtidos através de relatos dos associados e com isso seria feita uma base de dados que por sua vez seria divulgada na forma de informações, para que todos pudessem compreender e compartilhar essas informações a fim de estabelecer uma isonomia entre as partes. Diferentemente do modo de como ocorre nas organizações privadas, em que só uma minoria precisa saber se o resultado foi satisfatório ou não e tomar decisão mediante os dados apresentados.

As informações que foram geradas pela base de dados, construída pelo pesquisador com o auxílio dos associados, tinha um objetivo de ajuda-los a construir um conhecimento até então por eles desconhecido e com isso alcançar uma melhoria na forma de pensar o trabalho que exercem. Algo inusitado, porém, aconteceu e o objetivo da pesquisa foi alterado.

Percebe-se que essa mudança ocorrida na Associação ocorreu por meio de um conhecimento básico que fora inserido em seu contexto social. Conhecimento esse expresso na forma de tabelas que foram apresentadas no decorrer do trabalho, e através delas os associados começaram a ter uma melhor noção do que estava acontecendo na questão da relação entre o que estavam produzindo e o quanto estavam realmente ganhando por essa quantidade produzida.

Conforme pode ser observado no decorrer da pesquisa, os associados se tornam muito vulneráveis em questões como a percepção do ganho pelo trabalho que realizam devido à falta de conhecimento muitas vezes ligado à realidade que eles vivem e também pela falta de políticas públicas voltadas para os associados que fazem parte da Ascajuf Centro. Contudo, nota-se que a partir do momento em que o conhecimento que foi gerado por meio de uma interferência exógena, a fim de apresentar técnicas que pudessem auxiliá-los, ocorreu algo que não pôde ser controlado.

Nessa parte da pesquisa foi um momento crítico, pois com base nos princípios da autogestão essa interferência não poderia ter alterado o contexto social da associação em questão. Na prática a Ascajuf Centro é uma só e seus associados fazem parte desse ambiente, tendo a corresponsabilidade de gerenciar e manter a associação.

Contudo, percebe-se que através desse contato os associados, mesmos os que são analfabetos, perceberam a importância de estar predispostos a interagir com outros conhecimentos a fim de buscar um melhor esclarecimento sobre suas ações e atividades que exercem no seu dia a dia e de como que essas ações colaboram não só com o desenvolvimento interno, mas também desenvolvimento e conscientização de parte da sociedade juiz-forana.

Com isso, através desse contato nota-se o quão grande é a importância de se relacionar com grupos sociais e tentar ajudá-los mesmo que seja um pouco. Ver que o conhecimento que foi adquirido durante o tempo de graduação não precisa ser direcionado apenas a se ajudar sendo o melhor entre os melhores, ou ser uma pessoa vitoriosa na questão de ter um bom trabalho e ser bem remunerado por isso. Não que isso seja ruim, porém essa barreira deve ser transposta a fim de que esse conhecimento adquirido não só possa beneficiar um indivíduo ou um grupo de indivíduos (acionistas) de organizações privadas, mas que esse conhecimento seja algo que possa identificar lacunas a serem preenchidas ao seu redor no contexto em que vive como na Universidade, na cidade que mora, na escola do seu irmão, em associações de moradores, e dezenas de outras instituições que necessitam de ajuda.

Tendo isso em mente é hora de tentar uma mudança de paradigma e experimentar sair de sua zona de conforto; fazer algo que possa contribuir não apenas consigo mesmo, mas para transformar a realidade social. Espera-se que esse trabalho possa colaborar, incentivar e motivar novos pesquisadores a diagnosticar e solucionar problemas que estão ligados a questões sociais, contribuindo assim para o todo, conforme buscou-se apresentar nessa pesquisa.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABONG. **Manual de administração jurídica, contábil e financeira para organizações não governamentais**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- ASSAF NETO, A., SILVA, C. **Administração do capital de Giro**. São Paulo: Atlas, 2002
- ASSAF NETO, A., GUAISTI LIMA, F. **Curso de Administração Financeira**. São Paulo: Atlas, 2009.
- ASSOCIAÇÃO DE CATADORES TERÁ GALPÃO PRÓPRIO, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/proex/2010/08/06/apoiada-pela-intecoop-associacao-de-catadores-tera-galpao-proprio/>. Acessado em: 10 dez. 2015.
- COLETA SELETIVA DE LIXO, 2012. Disponível em: <http://www.demlurb.pjf.mg.gov.br/seletiva.php>. Acessado em: 10 dez. 2015.
- DRUCKER, Peter Ferdinand; “**Administração de Organizações sem fins lucrativos – princípios e práticas**”, 3ª ed., São Paulo, Pioneira, 1995.
- FACULDADE DE ENGENHARIA PROJETA GALPÃO PARA CATADORES DE JF, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/secom/2012/09/26/faculdade-de-engenharia-projeta-galpao-para-catadores-de-jf/>. Acessado em: 10 dez. 2015.
- FREZATTI, P. **Gestão do Fluxo de Caixa Diário**. São Paulo: Atlas, 1997.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.
- GITMAN, L. **Princípios de Administração Financeira**. São Paulo: Harbra, 2001
- GITMAN, L. **Princípios de Administração Financeira**. São Paulo: Pearson Education – Br, 2010.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- MARX, KARL. **O Capital Volume 1**. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996.
- MARX, KARL. **O Manifesto Comunista**. Ebooksbrasil.com: Rocket Edition, 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>.
- MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES, 2011. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/sua-historia>. Acessado em: 10 dez. 2015.
- NASCIMENTO, C. A. **Autogestão e o "novo cooperativismo"**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE AUTOGESTÃO, 2003. Joinville: MTE, DRTSC, 2003.
- PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DO MNCR, 2008. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/principios-e-objetivos>. Acessado em: 10 dez. 2015.

ROSS, S., WESTERFIELD, R., JORDAN, B. **Administração Financeira**. Rio de Janeiro: McGraw-hill Interamericana, 2010.

VIANA, NILDO. **Manifesto Autogestionário**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.